

PATCHWORK - POLÍTICA E EDUCAÇÃO ■

A universidade como espaço plural para a formação profissional, pessoal e cultural de jovens Potiguara

Elaine Freitas de Sousa¹

ORCID: 0000-0001-9748-239X

Jacques Therrien²

ORCID: 0000-0001-5458-365X

Resumo: O artigo sintetiza um estudo crítico cultural, que inclui uma pesquisa de campo, tendo como objetivo geral perceber a partir da trajetória de vida dos jovens Potiguara, como suas experiências puderam contribuir para o ingresso na universidade auxiliando em sua formação. A pesquisa realizada foi qualitativa, com acadêmicos que estudavam em uma IES de âmbito Federal, utilizando a abordagem metodológica da pesquisa (auto)biográfica, com o intuito de dar centralidade às narrativas dos jovens Potiguara, proporcionando uma integração entre sujeitos e pesquisadores. Na análise, a partir de suas narrativas, foi possível o reconhecimento e a identificação de algumas contradições e complementaridades existentes na interseção entre o conhecimento acadêmico e o indígena, possibilitando uma formação que abrange o profissional, o pessoal e o cultural.

122

Palavras-chave: Universidade; Cultura; Jovens Potiguara; Formação.

¹ Docente do Departamento de Administração na Universidade Federal do Ceará - UFC. Pós-doutorado em Educação, na Universidade Estadual do Ceará - UECE. Doutora em Educação, na Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Mestre em Educação Brasileira e Bacharel em Secretariado Executivo, pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Sócia fundadora da Associação Brasileira de Pesquisa em Secretariado Executivo - ABPSEC, sendo membro avaliador da comissão científica para análise de trabalhos desenvolvidos na área. Parecerista em eventos da ANPAD e dos Periódicos GESEC e CONTEXTUS.

² Possui graduação em Pedagogia - Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro (1972), mestrado em Filosofia - Université de Montréal, Canadá (1964), graduação em Teologia Pastoral - Colégio Máximo Cristo Rei, Brasil (1969), mestrado em Educação - Cornell University (1976), e doutorado em Educação - Cornell University, USA (1979). Tem pós-doutorado na Université Laval, Canadá (1992) e na Universitat de Valencia, Espanha (2007). Pesquisador Sênior do CNPq e Líder do Grupo de Pesquisa Saber e Prática Social do Educador. Professor titular aposentado da Universidade Federal do Ceará (UFC) onde foi Diretor da Faculdade de Educação e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação. É professor pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Abstract: The article synthesizes a critical cultural study that includes a field research with the general objective of understanding, from the life trajectory of young Potiguara, how their experiences could contribute to their entry into the university, aiding in their formation. The research carried out was qualitative, with academics who studied at a Federal Institution, using the methodological approach of (auto)biographical research, in order to centralize the narratives of young Potiguara, providing an integration between subjects and researchers. In the analysis, based on their narratives, it was possible to recognize and identify some contradictions and complementarities existing in the intersection between academic and indigenous knowledge, enabling a training that encompasses the professional, the personal and the cultural.

123

Keywords: University; Culture; Young Potiguara; Formation.

Resumen: El artículo sintetiza un estudio cultural crítico que incluye una investigación de campo con el objetivo general de comprender, desde la trayectoria de vida del joven Potiguara, cómo sus experiencias podrían contribuir a su ingreso a la universidad, ayudando en su formación. La investigación realizada fue cualitativa, con académicos que cursaron estudios en una Institución Federal, utilizando el enfoque metodológico de la investigación (auto) biográfica, con el fin de centralizar las narrativas del joven Potiguara, proporcionando una integración entre sujetos e investigadores. En el análisis, a partir de sus narrativas, fue posible reconocer e identificar algunas contradicciones y complementariedades existentes en la intersección entre el saber académico y el indígena, posibilitando una formación que englobe lo profesional, lo personal y lo cultural.

124

Palabras clave: Universidad; Cultura; Potiguara joven; Formación.

Introdução

A universidade assume um papel significativo de formação que, embora sob alguns aspectos se assemelhem a outros organismos sociais, acaba sendo caracterizada pelo seu formato erudito, com inúmeras áreas do conhecimento e, justamente por isso, almejada por muitos que se encontram à margem deste universo tão fascinante.

Para compreender melhor esse deslumbramento, este artigo se detém sobre como ocorre a diversidade existente nas universidades, destacando a trajetória histórica destas instituições no Brasil, a partir do século XIX, conhecendo um pouco dos desafios e perspectivas que se desenvolvem neste espaço inter/multicultural. Em contrapartida, são apresentadas algumas falas dos sujeitos participantes da pesquisa, as quais reforçam essa pluralidade de ações e saberes que constituem a universidade como um todo.

Partindo dessa realidade tão plural, surgiram as seguintes indagações: como ocorre a inserção dos jovens Potiguara no âmbito acadêmico? Como esse ingresso pode contribuir na sua formação profissional, pessoal e cultural? O objetivo geral do estudo pretendeu perceber, a partir da trajetória de vida de jovens Potiguara, como suas experiências puderam contribuir para o ingresso na universidade, auxiliando em sua formação.

Para a execução deste trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa com acadêmicos que estudavam em uma IES de âmbito Federal, através de uma abordagem metodológica da pesquisa (auto) biográfica, com o intuito de dar centralidade às narrativas dos jovens Potiguara, além de proporcionar uma integração entre ele/elas e os pesquisadores, algo que foi viabilizado e previamente acordado com os sujeitos envolvidos.

Dando sequência ao estudo, nos tópicos seguintes serão abordados a história da universidade no Brasil, a partir do século XX; a inclusão social através da educação no espaço inter/multicultural; a Metodologia e a Análise; e, por fim, as Considerações Finais.

Referencial de Análise

Historicamente, ressalta-se que no Brasil algumas reformas foram realizadas, influenciadas pelo desenvolvimento das mudanças pedagógicas ocorridas em várias universidades europeias, marcadas pelo movimento iluminista, com ideias voltadas ao positivismo e ao liberalismo. Tais reformas precisavam conciliar, no cenário social, político e cultural, o caráter liberal com a tradição existente, desde o ensino de primeiro grau ao ensino de terceiro grau, como se chamava.

Após a Proclamação da Independência, em 1822, a Assembleia Nacional Constituinte visava estabelecer uma organização para estruturar o ensino público no Brasil, abrangendo todos os seus estágios de formação, desde a educação primária à educação científica, identificada como terceiro grau. Neste último, por acreditarem na importância e urgência em providenciar tal ensino para a elite do país. De acordo com Saviani (2007, p.119),

As discussões que se travaram em torno desse projeto, embora tenham derivado para aspectos secundários ligados à validade ou não do prêmio, à sua natureza e valor, revelaram, pelo próprio enunciado da questão posta em debate, a importância do tema que requeria solução urgente e prioritária: a organização de um sistema de escolas públicas, segundo um plano comum, a ser implantado em todo o território do novo Estado. Essa aspiração esteve presente reiteradamente nos discursos das autoridades, de modo geral, assim como dos parlamentares, refletindo-se na Comissão de Instrução Pública que, entretanto, não conseguia objetivar num projeto a necessidade proclamada de um plano geral para a organização da instrução pública.

Desta forma, vale lembrar que mesmo tendo como objetivo e preocupação a organização do ensino público, era necessária a manutenção do ensino acadêmico apenas para aqueles pertencentes à elite da época, inclusive, sendo fato resguardado em projetos e instruções públicas.

Dito isso, se reforça - através da tentativa de legitimação utilizada desde o século XIX, quando existiam apenas planos e projetos para implantação do ensino científico no país - a necessidade de tal ensino ser possível apenas para os privilegiados e pertencentes às classes dirigentes, para resguardar o acesso social apenas aos que detinham o poder, já formando uma atmosfera de exclusão, numa instituição que nem sequer havia sido implantada.

Somente no final do século XIX ocorreu a reforma na educação primária, secundária e superior, conhecida como a reforma de Leôncio de Carvalho, através do Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, sendo a última reforma legitimada no período imperial, no que diz respeito à educação, ressaltando como principal objetivo a liberdade para o ensino primário e secundário na Corte e superior em todo o Império (SAVIANI, 2007).

De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2013), a universidade se constituiu em um lugar único e privilegiado a partir do século XX, seguindo um modelo alemão, segundo o qual tal instituição se caracteriza por seu alto nível cultural e de conhecimento, sendo autônoma com relação às outras instituições sociais, principalmente quanto ao status que ela proporciona àqueles que a compõem, tanto no papel de discente, quanto na docência.

Com isso, o ensino superior contou com a sua regulamentação, a criação do curso de Medicina como campo autônomo, além de outros cursos livres, como faculdades de Direito.

Na primeira metade do século XX, a partir da década de 1920, identificamos uma transformação no campo educacional, influenciada pelo movimento da Escola Nova, que disseminou algumas ideias diferentes do contexto tradicional vigente neste período, caracterizado pelas posturas conservadoras da Igreja.

Esse movimento tinha influência positivista, estruturado por um pensamento laico, em contraposição a uma pedagogia tradicional que, embora encontrando resistência por parte dos conservadores, levaram adiante seus projetos e mudanças para benefício e avanço na educação do país.

Desta forma, ocorreu a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, comandado por Francisco Campos, que estabeleceu sete decretos direcionados às mudanças, conhecidos como Reforma Francisco Campos. Destacando-se os voltadas à universidade, foram promulgados o Decreto nº 19.850, de 11 de abril de 1931, que cria o Conselho Nacional de Educação; o Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, que dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário; e o Decreto nº 19.852, de 11 de abril de 1931, que dispõe sobre a organização da universidade no Rio de Janeiro (SAVIANI, 2007, p.195).

Desta forma, perceber a universidade além da configuração estabelecida por aqueles que a colocam de maneira simplista, quanto ao seu papel social, educacional e cultural não condiz com o pensamento de um dos maiores defensores

da educação neste país, o ministro Gustavo Capanema, que em entrevista concedida à Agência Meridional Ltda, em 1934, afirmou o seguinte,

Uma universidade não é o que os espíritos simplistas imaginam: uma reunião material de diversas faculdades, ou, mesmo a articulação de diferentes faculdades esparsas, sob esta pomposa denominação, a fim de que continuem, isoladamente, a fornecer diplomas para as profissões normais. Sem um plano de conjunto que vise à investigação, a pesquisa, o estudo, o conhecimento, a cultura, num ambiente propício e materialmente aparelhado para elevar os conhecimentos acima do nível comum e da simples missão de diplomar doutores, não se terá nunca uma universidade. Essa nasce – falo de modo genérico – para criar uma cultura real e direta, haurida no próprio meio, desenvolvida com os elementos que se fornece à livre expressão. Será o centro de preparo técnico, de aparelhamento de elite que vai dirigir a nação, resolver-lhes os problemas, reservar-lhe [?] a saúde, facilitar-lhe o desdobramento e a circulação de riquezas, fortalecer a mentalidade do povo, engrandecer sua civilização. (SHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 2000, p. 221)

Sendo assim, esse pensamento desmistifica a ideia de que a universidade detém apenas um papel de ensinar profissionais, através de transmissão de conteúdos, onde as relações sociais e culturais nem sequer assumem um papel secundário, mas simplesmente nem existem enquanto caráter formador e de educação, que envolvem uma dialogicidade entre os conteúdos e conhecimentos da realidade do educando e educanda, atrelados às experiências na relação docente/discente.

Portanto, falar da universidade significa englobar inúmeros aspectos em decorrência das várias esferas que a compõem, nos campos institucional, político, de financiamentos, de planos de estudo, a imagem que esta possui socialmente, as seleções estabelecidas para se ingressar como discente, docente e servidor, o vínculo com a comunidade e, principalmente, seu caráter formador.

No aspecto de formação, uma das suas características é sua abordagem complexa em não apenas se preocupar com o conteúdo previamente estabelecido para cada área de atuação e cursos específicos, mas adentrar no caráter humanístico, moral e ético. Assim, a universidade cumpre seu papel em trabalhar a educação de forma completa.

O âmbito acadêmico se caracteriza pela grande diversidade de pessoas, culturas, conhecimentos, aprendizagens, experiências, formações, identidades,

dentre outros aspectos que acabam pluralizando as relações existentes entre todos aqueles e aquelas que compõem este universo.

O mais curioso na mistura desses elementos é poder perceber que, dependendo da condução de quem está inserido neste contexto, no papel de educador ou educando, as relações podem estabelecer uma “dialogicidade” a partir das diferenças e similaridades encontradas no conhecimento da experiência e cultura de cada pessoa inserida na universidade, mesmo que para isso, em alguns momentos, o/a professor/a se posicione com certo antagonismo.

Partindo desta realidade, o docente acaba vivenciando experiências que o levam a confrontar, inclusive, a própria formação, seja ela acadêmica ou oriunda de outros espaços que são significativos ao longo de sua trajetória de vida, tais como a família, a religião, seus posicionamentos políticos e, até mesmo, alguns saberes que são transmitidos como sendo folclóricos, além de determinados estereótipos e representações culturais que acabam sendo desvalorizadas por não “contribuírem” com aquela lógica estabelecida pelo sistema educacional imposto.

Exemplos desses estereótipos e rótulos podem ser percebidos através do modo como a realidade e a cultura indígena são apresentada nos livros, alguns dados em material escolar e até mesmo na sala de aula, quando se debate este tema, vendo o indígena como algo folclórico, sem acesso à tecnologia, à universidade e aos espaços pertencentes a outras esferas sociais que não seja a aldeia, como se isso não fosse possível.

Na verdade, essa realidade apresentada acaba sendo distorcida e “fantasiada”, criando um contexto não condizente com o que de fato ocorre nessas comunidades. Porém, as diferenças apresentadas, mesmo sob os prismas destes rótulos, devem ser reavaliadas e ressignificadas, pois lidar com a pluralidade cultural não deve ser visto como um desafio negativo, mas como uma oportunidade de crescimento pessoal, social, cultural e profissional.

No caso dessa pesquisa, ocorreu uma aproximação com os discentes e o entrosamento mútuo em sala de aula, a relação de troca possibilitou as observações e conversas informais, visando ao resgate de memórias e experiências por parte desses jovens, acarretando contribuições e disseminações da própria cultura aos demais estudantes. Houve interesse dos jovens em contribuir com esta pesquisa, pois acharam importante registrar sua cultura para que outras pessoas possam entendê-los e, assim, respeitá-los dentro da sua realidade étnica.

Além disso, a universidade ao criar a oportunidade para a formação acadêmica desses jovens Potiguara, torna-se responsável não apenas em propiciar seu ingresso no mercado de trabalho, mas também em contribuir com conhecimentos que possam fortalecer e defender a identidade desse povo.

Cada sujeito e comunidade, assim como a sociedade em sua totalidade, se constitui a partir das mais diversas formas de experiências e transmissão de “saberes aprendidos”, considerando os conhecimentos repassados de geração a geração, num movimento contínuo de preservação das tradições e da cultura de cada povo, conhecidos como conhecimento do senso comum.

Embora para muitos esse conhecimento não tenha um valor acadêmico, as narrativas realizadas através da oralidade, da escrita ou através de figuras e imagens tiveram e continuam tendo um importante papel neste processo. Para Mello (2013, p.13):

E quem de nós não conhece a sabedoria popular? A capacidade criativa da nossa gente? Mas são poucas as vezes em que o homem inculto passa lição aos doutores... O senso comum aproxima-se muito do conhecimento científico, naquilo que tem de prático. Ele parece ser um conhecimento espontâneo e pouco preocupado com a lógica de raciocínio. No entanto, tudo indica que tal não ocorre. Parece que o senso comum tem sua força justamente na experiência diária. É, pois, um conhecimento adquirido pela experiência e prática da vida. A diferença principal entre a ciência e ele reside, justamente, no fato de que a ciência, como conhecimento experimental, destaca o controle desses experimentos e das observações; ao passo que o senso comum é um conhecimento experimental não controlado.

Neste caso, os indígenas que ingressam na universidade recebem este conhecimento em suas comunidades de origem, através da transmissão intergeracional, mesmo que essa prática venha mudando em outras culturas, devido à evolução tecnológica e dos recursos existentes para a comunicação, acarretando também a diminuição e distanciamento das novas gerações do movimento de interiorização da própria cultura.

Esse processo de mudança na transmissão do conhecimento acarreta certo descaso pelos costumes e tradições repassados ao longo do tempo. De algum modo, hábitos outrora vividos como relatos, narrativas e histórias de vida, acabam ficando em “segundo plano”, muitas vezes, sem a valorização das experiências de vida, embora seja algo natural no processo de formação da sociedade.

Embora tais mudanças de alguma maneira possam ser consideradas “naturais”, observa-se que em determinadas comunidades, neste caso com os índios Potiguara, as atividades simples, como a rotina do dia a dia, a utilização de determinados rituais e utensílios, a valorização do saber dos mais velhos e das mulheres, repassados às novas gerações através dessas narrativas de vida, do compartilhamento da experiência a partir do ato de contar, ainda têm um valor significativo e representativo para as gerações mais novas.

Desta forma, ao pensar que a partir do momento que essa “rotina” de manter a tradição é afetada, sobretudo, por conhecimentos distintos da cultura local, neste caso, o conhecimento acadêmico visto até certo ponto como algo global, possibilitar a relação entre esses saberes da tradição e os acadêmicos de forma a agregar e não desvalorizar a própria cultura, considerando que essa formação acadêmica não envolve a relação entre indivíduo e coletividade (no sentido de buscar apenas um benefício individual, sem a preocupação as decisões afetaram o todo), o que acaba se configurando como algo extremamente desafiador nos tempos atuais. De acordo com o pensamento de Hall (2006, p. 79),

Por outro lado, as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares “fechados” – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo ocidente que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de seus lugares exóticos apenas como “intocados”.

Diante desse cenário, em que determinadas sociedades ocidentais viviam de maneira “isoladas” para manterem seus costumes “intactos”, percebe-se que o processo de globalização altera esse contexto, o que no caso desta pesquisa, ocorre com os sujeitos participantes através do ingresso na universidade, desmistificando essa ideia do indígena “intocável”.

Para se entender melhor esse processo de formação a partir da experiência dos sujeitos é necessário perceber que os estudantes indígenas, ao ingressarem na universidade, acabam por trazer seus conhecimentos adquiridos na cultura Potiguara e enfrentam o desafio de atrelar seu próprio estilo de vida ao universo acadêmico tão distinto de suas realidades.

Abordagem Metodológica

Nesse trabalho ocorreu a escolha da metodologia de natureza qualitativa, por ser a que mais se adequa para alcançar o objetivo proposto, já que ao abordar as narrativas de vida dos estudantes indígenas reportou-se diretamente a essa relação indivíduo/coletivo.

A escolha do método se constitui como fator primordial no direcionamento dos resultados, através dos processos e procedimentos envolvidos, mas também no reconhecimento daquilo que se descobre sem esperar, porque ao lidar com o subjetivo acaba-se por vivenciar experiências “não planejadas”, digamos assim, ao mergulhar no universo do outro e de nós mesmos, ou seja, com aquilo que compõe e forma o humano na sua interação com a realidade. De acordo com Minayo (2009, p.21),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [...].

No universo da investigação qualitativa, escolheu-se a pesquisa (auto) biográfica, já que desta forma é possível trabalhar diretamente com conceitos como cultura e formação, tentando compreender a relação destes através do aprofundamento das definições de narrativa, biografização e experiência formadora, ressaltando que estes se encontram atrelados aos conceitos embaixadores deste trabalho, conforme apresentados a seguir.

Para o entendimento dos processos de formação num contexto mais recente, vale salientar que devido às mudanças ocorridas nas décadas de 1970 e 80, com o movimento de globalização nesse período quando a profissionalização e a identidade de cada sujeito ganharam um viés individualizado, houve a necessidade de emergir em processos formadores diferenciados, que contemplassem esse “individualismo” nascente, ou seja, a partir de uma (auto)biografização, realizada com a narrativa. Para Delory-Momberger (2008, p.38),

Essa escrita, pela qual tornamo-nos os *recitantes* da nossa vida, nos inscreve na história e na cultura. A imersão do fato biográfico na linguagem da narrativa remete à historicidade das linguagens da narrativa: as histórias que contamos de nossa vida se *escrevem* sob as condições sócio-históricas da época e da cultura (das culturas) às

quais pertencemos. Há uma história (uma historialidade) do “narrar a vida”, como há uma história (uma historialidade) do “indivíduo”, da “consciência de si”, do “sujeito”. As formas que toma a linguagem da narrativa em tal estado da sociedade, em tal relação do indivíduo com o político e o social, imprimem sua marca em nossas representações biográficas. Os escritos que fazem a narrativa de vida, em suas múltiplas formas (biografias, autobiografias, diários, correspondências, memórias, etc.) constituem, desse modo, o material privilegiado para se ter acesso à forma como os homens [e as mulheres] de uma época, de uma cultura, de um grupo social, *biografam* sua vida.

Portanto, a biografização proporciona uma reflexão e uma dimensão de resgate das próprias experiências como forma de definir uma singularidade, através dos métodos que propiciam uma reflexividade, como um balanço dos seus percursos e de suas competências, para um caminho de formação do projeto pessoal e profissional de cada um.

Com relação aos sujeitos, tivemos a participação de acadêmicos que acompanharam toda a preparação da pesquisa, desde o princípio de sua elaboração. Esses participantes, através de suas falas e experiências, contribuíram na “costura” de todo o texto, ressaltando-se que suas falas serão vistas ao longo da análise proposta, identificados como Sujeito 1, 2 e 3.

Assim, a pesquisa (auto) biográfica revela uma nova forma de compreensão da narrativa e da experiência, apontando para sua presença na relação entre a teoria e os sujeitos sociais, o que possibilita uma interação direta com a visão de mundo dos sujeitos atuantes na pesquisa, requerendo uma teoria apropriada não apenas para embasamento do trabalho em questão, mas também de conhecimento necessário para desenvolver as técnicas e realizar a análise das narrativas e das informações relatadas e apresentadas nas atividades ocorridas ao longo do trabalho.

Alguns Resultados

Partindo dessa educação completa e abrangente proposta pela Universidade a partir do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, garante-se o compromisso em proporcionar espaços e atividades que perpassam o espaço da sala de aula, assegurando aos discentes experiências e saberes que envolvam não apenas as teorias estudadas.

Exemplo disso ocorre quando a teoria aprendida se transforma em projetos que possam beneficiar a própria realidade daquele que faz parte do âmbito acadêmico, neste caso, a comunidade Potiguara, pois sem a interação com outros espaços, o conhecimento “parado” sempre deixará a formação inconclusa, incompleta, sendo necessária a busca e envolvimento em outras atividades propostas e oferecidas pela universidade.

-Infelizmente, eu me tornei aquela aluna que ela literalmente quase “passou” pela universidade, porque eu não consegui me envolver tanto, com nada. Comecei a trabalhar na Prefeitura e, eu acho, eu sinto que eu me acomodei, né, comecei a trabalhar e não consegui me envolver com monitoria, não consegui me envolver com extensão, eu fiquei muito para sala de aula, então hoje por mais que eu busque, eu procure algo assim que eu possa dar de retorno, pra a minha aldeia, eu não encontro. (Sujeito 1)

-Hoje eu estou ensinando a língua inglesa e já vai fazer dois anos, então hoje eu contribuo com meu povo a partir dos conhecimentos adquiridos pela universidade a partir do que a universidade me propôs. Se eu tivesse ficado dentro da sala de aula isolado, não teria como eu estar aonde eu estou, porque teve a extensão, teve a monitoria, teve isso, teve aquilo, e aí eu fui e lutei, busquei, então hoje eu me tornei professor de língua inglesa da escola que estudei. (Sujeito 2)

-A sala de aula ela era muito limitadora, entendeu? Então, assim, eram só os textos, você lia e tal... era muito teoria que não me satisfazia na minha realização pessoal, eu não achava que estava tendo essa satisfação pessoal, estava tendo muito uma formação mercadológica, que na verdade não era o que eu queria. [...] Quando a gente entrava na universidade, o PET era suporte de conhecer, de se aprofundar, quem foi do PET sabe como é, que é esta preocupação de estar chegando agora, de estar atento. O PET era muito mais que um projeto de extensão, era um conjunto, projeto mesmo de vida, de você realmente se preocupar com outro, e aí dava suporte que a sala de aula não dava, jamais vai dar, acho. (Sujeito 3)

Diante desta percepção dos próprios sujeitos em considerar as ações acadêmicas extraclasse como fundamentais para complementar uma formação integral, em suas falas ressalta-se também o reconhecimento que possuem em não ver o espaço acadêmico apenas por uma busca de um diploma que os capacite ao exercício de uma profissão, mas que esse ensino também envolva seu lado pessoal, propiciando um crescimento nas relações deste indivíduo com ele próprio, com outros indivíduos e com a sociedade.

-A minha formação pessoal teve um diferencial enorme, pois eu busquei além da sala de aula, participei de projetos que fizeram toda diferença na minha vida, o que contribuiu com a minha formação humanística. (Sujeito 3)

-A formação me mostrou em vários aspectos que sou capaz de conquistar o que desejo por meio da aquisição de conhecimentos e meu próprio esforço pessoal. Ainda assim, acredito que poderia ter me envolvido mais em projetos para assim aproveitar mais o que a graduação oferecia. (Sujeito 1)

-A minha formação contribui muito para o meu crescimento pessoal. Posso dizer que todo o esforço foi válido. (Sujeito 2)

Sendo assim, perceber a importância desta instituição como fundamental para o engrandecimento cultural de uma nação em seu aspecto científico, tecnológico, estrutural e cultural, trata-se de algo fundamental, embora ressaltamos algumas restrições e limitações quanto à oportunidade de acesso por indivíduos de classes menos favorecidas, além do conhecimento hegemônico que muitas vezes se sobressai nesta instituição.

Quanto a este conhecimento hegemônico, caracterizado pelos conteúdos impostos, posturas autoritárias exercidas por determinados docentes, exclusão e desvalorização dos conhecimentos do senso comum e da realidade de vários discentes, acarretando em uma educação e rotina acadêmica de forma vertical, remetendo ao pensamento de Pierre Bourdieu, quando este fala acerca do poder simbólico, que envolve as instâncias de poder disseminadas por toda parte, mas de forma invisível e, em sua maioria, imperceptível.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia (BOURDIEU, 1989, p.15).

No caso deste poder, o resultado é que acaba afetando e excluindo quem não detém o capital simbólico, gerando certa “violência” exercida de forma “maquiada”, acarretando desigualdade e desvalorização de culturas vistas como minorias no meio acadêmico, restringindo-o somente à transmissão de um saber estruturado e engessado, estabelecido previamente pelas classes dominantes.

Um exemplo claro da “cristalização do saber” proveniente desta instituição ocorre nas escolhas de conteúdos e de cursos ofertados, como mencionado, mas também se estendendo ao acesso à própria instituição, quando identificamos que as universidades públicas acabam se destinando às elites, pela facilidade de ingresso favorecido pelo nível de formação que tiveram em sua trajetória escolar, enquanto os filhos de classes populares procuram as instituições privadas.

-Na verdade, a universidade não é para pobre, a universidade é pra rico, e aí, quando você chega na universidade que você não tem como acompanhar e aquele padrão da universidade, aí só tem escolba ou você tenta de todas as formas, e sei lá, se apoiar em outra pessoa que está igual a você, que foi o meu caso. (Sujeito 3)

Perguntados acerca das principais dificuldades que tiveram no decorrer do ingresso na universidade, a partir do questionamento: “Quais as principais dificuldades encontradas na Universidade?”, as/o estudantes afirmaram o seguinte:

-Muitas dificuldades, falta de recursos financeiros para alimentação, transportes, xerox entre outras coisas. (Sujeito 3)

-A princípio enfrentei muitas dificuldades, tanto ao que se refere ao transporte, como socialização com os outros alunos. Surgiam muitos questionamentos em relação ao nosso povo quanto a vestimentas, cultura etc. E eram questionamentos que muitas vezes demonstravam falta de conhecimento quanto a nossa história e realidade. (Sujeito 1)

-Condições financeiras para se manter na graduação. Quando ingressei, o Campus IV ainda estava em fase de construção, lembro que na inauguração da biblioteca eu estava no segundo período do curso, posteriormente teve a inauguração do laboratório de Secretariado – LABSEC. Então, foi meio que um crescimento mútuo, no momento em que a universidade, se tratando do curso de Secretariado, se organizava. Eu estava estudando, então houve dificuldades com relação ao material específico da área de Secretariado, o que fazia com que os professores trouxessem apostilas para xerocarmos, e isso muitas vezes era complicado por falta de recursos. (Sujeito 2)

Muitas das dificuldades apontadas acabam sendo reflexos de tantas exigências e responsabilidades assumidas pela universidade, não somente com relação a sua imagem, mas salientando seu compromisso ético na condução da formação técnica e moral de seus estudantes e servidores, que, de certa forma, acaba se estendendo à sociedade, pois acaba sendo percebida como uma instituição que representa posturas e saberes científicos. Segundo Santos (2013, p.379),

A exigência posta no trabalho universitário, a excelência dos seus produtos culturais e científicos, a criatividade da atividade intelectual, a liberdade de discussão, o espírito crítico, a autonomia e o universalismo dos objetivos fizeram da universidade uma instituição única, relativamente isolada das restantes instituições sociais, dotada de grande prestígio social e considerada imprescindível para a formação das elites.

Apesar desse papel único e fundamental que apenas essa instituição proporciona em sua esfera social, em vários momentos precisou passar por transformações em sua estrutura, para atender algumas “cobranças” por parte do Estado e da sociedade, como por exemplo, em sua atuação moral e educacional, a utilização e gestão de seus recursos financeiros, tecnológicos e de conhecimentos, a busca por financiamentos externos que possam suprir a realização de projetos, dentre outros aspectos que se propagam até os dias atuais.

Nesse sentido, o âmbito acadêmico atravessou algumas pressões que desencadearam estados de tensões entre contradições existentes, devido às várias características e interesses que estruturam a universidade, gerando certas disparidades, acarretando problemas e dificuldades que perduram até os dias atuais, como pode ser identificado quanto ao padrão cultural, a hierarquização dos saberes e a questão da autonomia enquanto instituição. De acordo com Santos (2013, p. 375),

Essa gestão de tensões tem sido particularmente problemática em três domínios: a contradição entre a produção de alta cultura e de conhecimentos exemplares necessários à formação das elites de que a universidade se tem vindo a ocupar desde a idade média, e a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos úteis para as tarefas de transformação social e nomeadamente para a formação da força de trabalho qualificada exigida pelo desenvolvimento industrial (Moscati, 1983, p.22); a contradição entre a hierarquização dos saberes especializados através das restrições do acesso e da credencialização das competências e as exigências sociopolíticas da democratização e da igualdade de oportunidades; e, finalmente, a contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e dos objetivos institucionais e a submissão crescente a critérios de eficácia e de produtividade de origem e natureza empresarial.

Seguindo a lógica de Santos (2013, p. 379), partindo dessas contradições e de determinadas cobranças geradas por elas, que ele denomina de pressupostos,

algumas dicotomias foram geradas na universidade e se entravam até hoje, conforme já mencionado, caracterizadas pela alta cultura – cultura popular; educação – trabalho; teoria – prática.

Trazendo toda essa discussão de aceitar/tolerar, se adequar/adaptar/reconhecer para o universo acadêmico, quando esses grupos vistos como sendo “diferentes” ingressam na universidade, perceber a necessidade de mudança de comportamento, principalmente, quando se trata em acolher grupos minoritários, como os indígenas, em que esses buscam maior autonomia para resguardar os seus direitos em defesa de si e de seus povos, facilita no processo de integração e interculturalidade, reforçando a escolha por parte deles em ter buscado um curso superior. Ao responderem à pergunta: “Por que você escolheu uma formação de nível superior?”, as respostas foram:

- Para conseguir uma boa profissão. (Sujeito 2)

- Para ter acesso ao conhecimento que pudesse contribuir com o meu povo. (Sujeito 3)

- Sempre fez parte dos meus planos continuar estudando, mesmo após a conclusão do segundo grau. Felizmente tive a oportunidade de participar do cursinho pré-vestibular oferecido pela Universidade Federal da Paraíba. Foi por meio do contato com os universitários que nos davam aula e outros envolvidos que pude entender que o curso superior poderia me proporcionar uma formação profissional. (Sujeito 1)

Devido aos interesses desses jovens se entrelaçarem entre os aspectos individuais, como a busca de uma profissão; e coletivas, que essa profissão possa atender e ajudar a própria comunidade, a escolha dos cursos por parte desses estudantes se dá, principalmente, pela necessidade de formação em atender e suprir lacunas deixadas pela assistência proveniente do poder público. Por isso, cursos na área de saúde, direito, licenciaturas e sociologia, prevalecem no topo da escolha desses povos, como forma de se transformarem em “intelectuais orgânicos”, embora não tenha sido o caso dos nossos sujeitos, como será mostrado adiante.

Considerações Finais

Nesse artigo, a formação superior é entendida a partir de uma visão holística, através da epistemologia da palavra, considerando esse processo em sua totalidade e profundidade, vislumbrando a educação em seu sentido de troca, educação dialógica, formando na ação, ressaltando o ato de reflexão e do fazer consciente e transformador.

Em seu papel institucional, a Universidade Federal em questão, possui um compromisso social com relação ao ensino, à pesquisa e à extensão, além de um papel cultural, que engloba a diversidade e a cidadania, destacando e agregando valores não somente para aqueles que a frequentam diretamente, mas também para a sociedade.

Considerando o objetivo geral, que foi perceber a partir da trajetória de vida dos jovens Potiguara como suas experiências puderam contribuir para o ingresso na universidade auxiliando em sua formação, identificou-se como algo bastante significativo quanto aos aspectos pessoais, coletivos, profissionais e de conhecimento.

Nessa visão de amplitude, expansão e abrangência que a universidade tem se transformado, possibilitando oportunidades para que docentes, discentes e comunidades possam atuar ativamente, independente do próprio nível de ensino e de onde fizeram parte anteriormente, através da possibilidade no ingresso, de posicionamentos políticos, ideias e preparação para o mundo do trabalho e de outras esferas sociais, com relação a essa adaptação ao universo acadêmico tão peculiar.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand, 1989.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto**. In: **Educação e Pesquisa**. v. 32, n. 02, maio/agosto, 2006, p. 359-371.

_____. **Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passegi. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 36^a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 16^a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 11^a ed. São Paulo, SP: Paz e Terra. 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**. 19. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. 28^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 14^a Ed. 2013.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: SP: Autores Associados, 2007.

SHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria e COSTA, Vanda Maria. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.